



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**SIMONE VIEIRA DOS SANTOS**

**UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E  
AFETIVOS DA EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**SIMONE VIEIRA DOS SANTOS**

**UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E  
AFETIVOS DA EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Plena em Pedagogia do  
Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



A599a Anjos, Simone Vieira dos.  
Uma análise dos aspectos educacionais e afetivos da evasão e repetência escolar / Simone Vieira dos Anjos.-  
Cajazeiras, 2009.  
62f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Evasão escolar. 2. Reprovação. 3. Repetência. 4. Fracasso escolar. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.212.8

SIMONE VIEIRA DOS ANJOS

UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E AFETIVOS DA  
EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR

Monografia apresentada em: 20, fevereiro de 2009.

Maria Janete de Lima

(Orientadora – Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Janete de Lima)

CAJAZEIRAS/PB  
2009

## DEDICATÓRIA

Ao Criador Deus e Pai que me dotou de inteligência...

Aos meus pais por terem me dado atenção, carinho e amor, por terem me ensinado os princípios morais e por me proporcionarem a idealização desse sonho...

Aos meus sobrinhos (as) e irmãos em especial a José dos Anjos que mesmo longe cuida de mim...

As minhas amigas a quem tanto estimo: Janaina Honorato, Vanúbia Félix, Corrinha Fernandes e Ana Cristine...e as amigas que conquistei na Acadêmia, Michelly Queiroga, Silvia Fernandes, Pollyanna Carla, Wigna Begna, Leydiane Figueiredo e Zaíra Carolino...

Aos mestres que me ensinaram o conhecimento científico e contribuíram para minha formação humana, desde os que me ensinaram a ler e escrever, até os que me ajudaram a desenvolver meu senso crítico, em especial as professoras Maria Ioneida Ramalho Bueno e Maria de Lourdes Campos, seres humanos excepcionais que Deus colocou em minha vida e que tive a oportunidade de trabalhar lado a lado, e que tanto me ensinaram...e ao professor Rômulo Feitosa...obrigada pelo olhar firme e seguro que sempre me presenteastes.

A todos que fazem parte do Projeto de Monitoria: coordenador, orientadores e orientandos...

A um alguém muito especial na minha vida, Jorge Cavalcante que mesmo no silêncio sei que me quer ver realizada e feliz...a recíproca é verdadeira.

E a todos que sonham meu sonho, mas, por questões diversas não conseguiram (ainda) concretizá-lo.

A todos vocês minhas considerações e meu muito obrigada.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido força, coragem e saúde para concretizar esse sonho, aos meus pais Geralda e Damião por terem acreditado em mim, aos meus irmãos e familiares, aos meus amigos (as) pelas palavras confiantes, aos mestres que passaram, passam e passarão por minha vida acadêmica e a todos que indiretamente louvaram comigo essa ânsia, eis aqui o fruto da vitória. Obrigada por acreditarem em meu potencial e por me acompanharem em busca desse sonho. A todos, meus eternos agradecimentos.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor,  
Mas lutamos para que o melhor fosse feito.  
Não somos o que deveríamos ser,  
Não somos o que iremos ser,  
Mas graças a Deus,  
Não somos o que éramos”.

(Martin Luther King)

## RESUMO

O presente trabalho tem por tema: Uma Análise dos Aspectos Educacionais e Afetivos da Evasão de Repetência Escolar que será realizado na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, situada no núcleo III, São Gonçalo Sousa-PB tendo como finalidade conhecer e compreender as causas que contribuem para a não aprendizagem dos alunos, o que resulta na evasão e/ou reprovação desses, além de introduzir o uso de novas técnicas bem como a diversificação na didática do professor, com a utilização de textos reflexivos, músicas que favoreçam uma aprendizagem significativa fazendo com que o aluno possa desvendar o que está implícito como também, nos recursos didáticos utilizados em sala de aula, no intuito de desvendar os fenômenos responsáveis pelo fracasso escolar. Este trabalho também propõe conhecer minuciosamente alguns dos responsáveis pelo insucesso escolar como: condições sócio-econômicas, a família, a escola, o professor, as políticas educacionais, o aluno entre outros, o que possibilitará uma maior compreensão acerca do tema em evidência, uma vez em que o teorizamos em sua totalidade, o que nos faz repensar a idéia de omitirmos juízos de valor responsabilizando unicamente o aluno e/ou sistema educacional. Desta forma, ancorados numa fundamentação teórica que subsidiará esse trabalho, pretendemos encontrar as causas decorrentes desse fenômeno, almejando aclarar tal situação.

**Palavras - chave:** Evasão; reprovação; fracasso escolar.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I - Uma análise dos aspectos educacionais e afetivos da evasão e repetência escolar</b> .....	12
1.1 Conceito de Educação .....	12
1.2 Contexto Histórico .....	14
1.3 Evasão Escolar .....	15
1.4 Os Fatores que Compactuam para o Fracasso Escolar .....	18
1.5 O Papel da Família diante do Fracasso Escolar .....	21
1.6 O Papel da Escola diante do Fracasso Escolar .....	26
1.7 A Má Remuneração de Professores e a Ausência do Planejamento: Fatores que compactuam para o Fracasso Escolar .....	29
<b>CAPÍTULO II - O Fracasso escolar na perspectiva dos aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem</b> .....	30
2.1 O Fracasso Escolar junto a Teoria da Carência Cultural e a Teoria da Diferença Cultural	32
2.2 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)1996, junto ao parecer de políticos: Posicionamentos frente á Evasão e Repetência Escolar .....	36
2.3 A Contradição existente entre Reprovação e Repetência Escolar .....	37
2.4 A Clientela do Fenômeno Reprovação .....	39
<b>CAPÍTULO III - Percorso Metodológico e Análise dos Dados</b> .....	41
3.1 Metodologia da Pesquisa: Estudo da Caso .....	41
3.2 Caracterização da Escola .....	42
3.3 Análise do Questionário aplicado ao Gestor .....	44
3.4 Análise dos Questionários aplicados aos Professores .....	46
3.5 Análise dos Questionários aplicados aos Alunos .....	50
3.6 Análise do Estágio .....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
<b>ANEXOS</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

Ancorados numa fundamentação teórica que respalda essa Monografia, e partindo da problemática de entender as causas que contribuem para não aprendizagem dos alunos, uma vez, que “esses” encontram dificuldades para assimilar o conteúdo trabalhado pelo professor, este estudo tem por tema: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E AFETIVOS DA EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR, e tem por finalidade aclarar tal situação.

A opção pelo tema em evidência deu-se primordialmente pelo contato que tenho com a Escola Francisco Cícero Sobrinho, escola esta que propus a realizar essa pesquisa e que na época possuía um número significativo de evadidos e reprovados. Atualmente o problema diminuiu, concentrando-se exclusivamente no Ensino Fundamental, principalmente nas disciplinas Matemática e História.

O interesse maior para o desenvolvimento desse estudo foi conhecer os elementos decorrentes no processo de evasão e repetência escolar que retiram dos alunos a opção de mudança de vida, considerando a aquisição de conhecimentos como elemento chave na abertura de novos horizontes, como também, no momento de exercer efetivamente a cidadania, cidadania que muitas vezes é confundida.

A partir disso, procuraremos desvendar quais os fenômenos responsáveis pelo fracasso escolar, considerando a relação intrínseca com o tema em questão, além de introduzir e estimular o uso de novas técnicas, novos métodos de ensino, como também uma diversificação na metodologia do professor, bem como nos recursos didáticos, no intuito de analisar os supostos responsáveis pelo fracasso escolar, e respectivamente entender o que está atrasando ou dificultando a aprendizagem dos alunos.

Portanto, objetivamos analisar as causas decorrentes no processo de evasão e reprovação, verificar na escola a existência de projetos de erradicação do fenômeno em estudo, identificar as ações pedagógicas que são desenvolvidas no sentido de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, além de reconhecer as dificuldades apresentadas pelos educandos para assimilar o conteúdo ministrado pelo educador.

O procedimento metodológico desta pesquisa terá um estudo de caso que visa apenas um objeto de estudo, caracterizando-se como sendo de caráter descritivo com abordagem qualitativa, e busca em sua totalidade compreender as dificuldades explícitas pelos alunos em sala de aula.

Com o intuito de aclarar tal situação e de alcançar os objetivos propostos buscamos informações diretamente coletadas com os sujeitos da investigação através da pesquisa. Utilizamos como instrumento de coleta de dados para a investigação as entrevistas e o questionário.

A pesquisa se deu na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, situada no Núcleo III, São Gonçalo -- Sousa PB, com o gestor os professores e os alunos do 5º ano Fundamental.

O respectivo trabalho compõe-se de três capítulos, em que o I e o II capítulos trazem uma fundamentação teórica que subsidia toda a pesquisa. O I capítulo está subdividido em sete (07) subtópicos, sendo: conceito de educação; contexto histórico; evasão escolar; os fatores que compactuam para o fracasso escolar; o papel da família diante do fracasso escolar; o papel da escola diante do fracasso escolar; e a má remuneração de professores e a ausência do planejamento: fatores que compactuam para o fracasso escolar.

No II capítulo encontra-se o fracasso escolar na perspectiva dos aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem que por sua vez, está subdividido em quatro (04) subtópicos, sendo: o fracasso escolar junto a teoria da carência cultural e a teoria da diferença cultural; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 1996, junto ao parecer de políticos: posicionamento frente a evasão e repetência escolar; a contradição existente entre reprovação e repetência escolar; e a clientela do fenômeno reprovação.

No III capítulo, encontra-se: o estudo de caso com a caracterização da escola; a análise dos dados coletados. Nesse capítulo, especificamos o método de coleta de dados, bem como os sujeitos participantes da pesquisa. Por fim, algumas considerações referentes ao estudo realizado e as referências bibliográficas que subsidiou todo trabalho.

Dessa forma, a presente proposta é apresentar possibilidades que venha aprimorar a aprendizagem dos alunos, e conseqüentemente diminuir o índice de evasão e repetência nos anos iniciais da escola citada inicialmente.

# CAPÍTULO I - UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E AFETIVOS DA EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR

## 1. 1 Conceito de Educação

Sabemos que a educação é a única forma viável de transformação social, daí surge a necessidade de adquiri-la, para rompermos com a prepotência da elite, para saímos do estado de opressão e para conseguirmos “status” na sociedade, sociedade que se encontra, excludente, seletiva e desigual. Mas, para que essa transformação aconteça é necessário vivermos incessantemente buscando novas informações e conseqüentemente construindo conhecimento, já que vivemos num país letrado no qual demasiadamente falando o necessitamos para sairmos do estado de dominação, não nos colocando como dominador, mas, num patamar que possamos exercer efetivamente nosso título de cidadão, cumprindo deveres e exercendo direitos.

Dessa forma, visando o favorecimento que nos é merecido e rompendo com a ideologia dominante que nos é imposta e superando as estruturas societárias arcaicas que almejam a manutenção de sua hegemonia, conseguiremos desmascarar a realidade e conseqüentemente sermos reconhecidos simplesmente como gente.

Assim, explicitando a relevância da educação na sociedade teceremos algumas considerações a respeito de sua conceituação.

Para Álvaro Vieira Pinto, a educação é definida como: “[...] processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intuito de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos”. (PINTO, 2000. p. 30).

Para Carlos Brandão, a educação é:

[...] uma marca dos seres humanos. Sua natureza é dinâmica e plural não segue um padrão único. Cada povo, qualquer época, toda classe ou grupo social vive em meio a valores, crenças e prioridades. E este movimento define princípios, estabelece razões, forja um determinado tipo de educação de modo que não exista um povo sem educação. A educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificação e especialidades que envolvem as traças de símbolos, bens e poderes que em conjunto constrói a sociedade. (BRANDÃO, 1985, p. 11).

Já para Émile Durheim e Talcott Parsons a educação é vista como: “[...] expressão de doutrinas, de gerações mais velhas sobre mais novas, baseadas em uma filosofia de vida, concepção de homem e de sociedade efetivamente através de instituições específicas: família, sociedade, igreja, escola [...]”. (DURKHEIM e PARSONS apud FREITAG, 1980. p. 18).

Na concepção de Durkheim e Parsons, a educação é vista como uma ação de continuidade, da perpetuação de ordem, da harmonia e do equilíbrio que regem as sociedades como um todo. Assim evidencia-se que esses vêem a educação não como um fator de desenvolvimento e superação de estruturas societárias arraigadas, mas, a concebe como algo que é transmitido de geração em geração para a manutenção do “status quo” e de uma sociedade prepotente, no qual, permanece o sistema de hierarquia das camadas privilegiadas sobre as camadas populares.

No sentido mais amplo, educação é:

[...] um processo de atuação de uma comunidade sobre o desenvolvimento do indivíduo a fim de que ele possa atuar em uma sociedade pronta para a busca da aceitação dos objetivos coletivos. Para tal educação, devemos considerar o homem no plano físico e intelectual consciente das possibilidades e limitações, capaz de compreender e refletir sobre a realidade do mundo que o cerca, devendo considerar seu papel de transformação social como uma sociedade que supere nos dias atuais a economia e a política, buscando solidariedade entre as pessoas, respeitando as diferenças individuais de cada um. (PAMPLONA, 2008).

Segundo o dicionário Aurélio, educação é: “[...] o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. (FERREIRA, 2001. p.251).

Paulo Freire nos diz que [...] a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos. (FREIRE apud PAMPLONA, 2008). O pensamento do autor nos faz refletir a respeito da educação, educação que estamos a cada dia buscando, e por isso nos faz refleti-la e almeja-la como algo que buscamos e construímos paulatinamente.

Dessa forma, a educação não tem uma fórmula pronta a seguir, a fórmula é criada, desvendada a cada passo em que estimulamos os nossos educandos a buscá-la e adquiri-la.

Assim, a educação é: [...] um processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo à novas descobertas a fim de tomar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades. (PAMPLONA, 2008).

## 1.2 Contexto Histórico

O maior desafio a ser encarado atualmente pelo poder público brasileiro é possibilitar a todas as pessoas independentemente de etnia, religião ou condição sócio-econômica a possibilidade de acesso e permanência à educação escolar, educação de qualidade que seja oferecida equânime para os diversos povos, visando reter os altos índices de evasão e repetência nos anos iniciais e conseqüentemente rompendo com os altos índices de analfabetismo no Brasil.

A realidade brasileira mostra que tem cerca de 27,5 milhões de habitantes entre 7 e 14 anos fora da faixa-etária, mas registra 34,7 milhões de matrículas no Ensino Fundamental, conforme o Censo Escolar. A diferença é formada por jovens acima dos 15 anos que estudam em séries não compatíveis com a sua idade, o chamado “distorção do fluxo escolar”, no qual mais de 60% dos alunos do ensino fundamental acumulam dois ou mais anos de defasagem em relação ‘a série que deveriam cursar no que resulta em média, doze anos para concluir as oito séries do ensino fundamental.

O índice nacional de repetência varia de 15% a 50%, e é mais elevado nos primeiros anos do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino Médio. Até pela ruptura da Educação Infantil para 1º ano, do 4º ano para o 5º ano e do 8º ano para o Ensino Médio; são novos conteúdos, novas metodologias, novos tipos de avaliação, novos projetos tendo quase sempre um professor para cada disciplina.

Com esses dados, o Brasil configura-se por ter um dos piores sistemas de educação básica do mundo. Estimam-se o custo médio do aluno em R\$ 420,00 (quatrocentos e vinte reais), o gasto público em 16 bilhões, e o desperdício anual da repetência/evasão escolar em 40%, vemos que o país desperdiça anualmente cerca de 6,4 bilhões de reais. Porém sabemos que a superação do fenômeno requer um trabalho de conscientização e certamente de prevenção dos fatores que provocam a evasão e a repetência escolar.

Segundo uma reportagem da Revista “Nova Escola”, onde faz uma retrospectiva dos supostos responsáveis da Reprovação no qual, mostra por década cada culpado, o médico Arthur Ramos, na década de 30 “atribui o fracasso a desajustes familiares”. Esse aluno com dificuldades passa a ser chamado criança-problema, e a proposta do médico é que este seja educado longe de casa.

Na década de 40, as causas do insucesso ainda são atribuídas somente a fatores orgânicos e psicológicos. Quem tem dificuldade de aprendizagem continua a ser encaminhado ao médico e ao psicólogo.

Na década de 70, estudiosos americanos afirmaram que as dificuldades de aprendizagem advêm das péssimas condições de vida da criança. É a teoria da privação cultural. Surge a tendência de questionar a responsabilidade da escola.

Já nas décadas de 80 e 90, pesquisas e trabalhos em todo mundo concluem que o erro não está na criança, mas na escola e nos professores que estão despreparados para lidar com a realidade dos alunos.

Atualmente, enveredados nessa perspectiva de que não é o aluno que não acompanha o ritmo da escola e conseqüentemente não alcança os objetivos propostos, mas, é a escola junto aos professores que estão displicentes para com os alunos, não possibilitando o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que não parte da realidade existencial dos educandos.

### **1.3 Evasão Escolar**

A evasão escolar está dentre os temas que historicamente faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira e que infelizmente, ainda ocupa até os dias atuais, espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular. Em face disto, as discussões acerca da evasão escolar, em parte, têm tomado como ponto central de debate o papel tanto da família quanto da escola em relação à vida escolar da criança.

No que tange à educação, a legislação brasileira determina a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócio-educacional. A Lei de Diretrizes

e Bases da Educação-LDB (1997) é bastante clara a esse respeito, e coloca no Art. 2º que:

A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB apud QUEIROZ, 2008).

Assim, observamos que a educação não tem sido plena no que se refere ao alcance de todos os cidadãos, assim como no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade.

A Evasão Escolar acontece quando o aluno deixa a escola e não mais retorna, retorna no ano seguinte como repetente. Os dados sobre a evasão são extremamente difíceis de obter, pois exige um acompanhamento personalizado do destino de cada aluno, e apesar dos inúmeros programas criados pelo governo no intuito de romper com a evasão e repetência e conseqüentemente com o fracasso escolar, ainda percebemos no Brasil dificuldades em mantê-los na sala de aula, já que seria um dos primeiros passos para que esses conseguissem estudar.

Porém, o que demasiadamente presenciamos são alunos desistindo da escola e conseqüentemente da educação, mas, o que o poder público, a escola e a sociedade devem pensar é que um aluno evadido tem enormes chances de serem reprovados na vida. Isto é fruto da realidade desigual que vivenciamos, no qual, não se oferecem as mesmas oportunidades de acesso e permanência na escola. A escola por sua vez encontra dificuldades em resolver problemas referentes à evasão e repetência, fenômenos que constituem os principais entraves ao êxito dos alunos, atribuindo a muitos desses a “status” de fracassado.

No entendimento Leandro Haertes, um dos maiores desafios que a educação brasileira enfrenta é: “[...] a inclusão de adolescentes [...] na escola e também no mercado de trabalho. As recentes transformações no mundo do trabalho acabam por configurar a sociedade especificamente em seus perfis econômicos e sociais”. (HAERTER, 2004, p. 11).

Para tanto, para que possamos superar esses desafios em se tratando de evasão e repetência escolar, é necessário reconhecer que a educação oferecida atualmente deixa a desejar no que diz respeito a formulação de políticas públicas que assegura o acesso e permanência dos alunos na escola, como também no acolhimento de suas experiências enquanto sujeito que

carrega consigo uma cultura impregnada em seu meio social, sendo esta considerada relevante por parte da escola como parte significativa do currículo escolar, e como ponto de partida para o fazer - pedagógico docente.

Assim, é preciso que o docente veja o discente como um sujeito que possui uma cultura, e que trás consigo conhecimentos adquiridos em sua vivência diária. Contudo, trabalhando o contexto do aluno possibilitará a esse, estímulo para permanecer na escola, no qual, posteriormente esse não será excluído da escola, menos da sociedade.

Nesse sentido, os alunos precisam sentir prazer em estudar, concomitantemente faz-se necessário uma Pedagogia que corresponda às expectativas dos alunos, enquanto veiculação de conhecimentos que subsidie sua vida enquanto indivíduo, e que atenda as exigências do mercado de trabalho, para construir a escola cidadã que Paulo Freire defendia, com mudança de postura, de estratégias, de conteúdos despertando no aluno o interesse e a relevância da educação como prática de liberdade.

Dessa forma, o educador deverá considerar o educando como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, considerando o diálogo, o questionamento e a problemática como prática de liberdade e como elementos de ascensão social.

Contudo, a evasão e a repetência escolar é uma constante dor de cabeça para os governos federal, estaduais, e municipais, para gestores, de escolas, os coordenadores, e professores.

Nos últimos tempos um sistema apareceu no cenário educacional como uma espécie de solução perfeita: Os ciclos; com uma proposta de trabalho que avalia o aluno “a cada semana, a cada mês, a cada ano, é preciso saber quantos dominam tudo o que foi proposto, quantos avançaram 80% quantos ainda estão em 30% ou em 10%, explica a pesquisadora Sara Paín. Além disso, com o fim da repetência a turma permanece unida, criando um clima mais propício à aprendizagem, uma vez que tem a chance de se tornarem mais amigos e parceiros ao longo do árduo processo de construção de conhecimentos”. Não há dúvidas que eles representam o melhor antídoto contra a “cultura da repetência” – expressão que consagra o péssimo hábito de condenarem jovens e crianças ao fracasso.

No Brasil os defensores desse sistema são muitos; a presidente da Inep, Maria Helena Guimarães, diz que ele ajusta os conteúdos ao processo de desenvolvimento infantil, adequado o tempo do aluno à atividade escolar. Assim “ao final do ciclo o aluno dificilmente apresentará problemas” afirma Paulo Roberto Padilha, pedagogo e diretor técnico do Instituto Paulo Freire, é outro que apóia a iniciativa: “ela muda o processo do conhecimento, faz surgir o respeito aos ritmos e diferenças de cada um; é o caminho para a verdadeira escola cidadã que Paulo Freire pregava”.

Numa entrevista da Revista Nova Escola, a pesquisadora argentina, mostra como romper o círculo vicioso de fracasso e repetência:

A única maneira de fazer o sistema escolar funcionar é “graduar o que se ensina”. Passo a passo. É a melhor forma de o professor avaliar seus alunos e saber se eles realmente aprenderam [...] ao passar uma criança da 1ª para a 2ª série sem que ela domine os conceitos necessários, estamos promovendo um absurdo [...]. (PAÍN, 2000, p. 23).

Nessa perspectiva, acreditamos que melhor do que passar um aluno sem que esse domine os conteúdos necessários a sua série, seria trabalhar no sentido de fazer com que esse aprenda o que é significativo a cada etapa, o que evitaria possíveis dificuldades de aprendizagem decorrentes desse processo. Assim, as crianças que não aprenderam os conteúdos necessários a sua série, jamais irá compreender os dá série seguinte, atrapalhará o restante de turma e se evadir conseqüentemente, repetirá o ano, o que impossibilitará de acompanhar a série pertinente à sua faixa etária.

#### **1.4 Os Fatores que Compactuam para o Fracasso Escolar**

Vários estudos têm apontado aspectos sociais considerados como determinantes da evasão escolar, dentre eles estão: [...] a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem com isto, eximir a responsabilidade da escola no processo de exclusão das crianças do sistema educacional. (QUEIROZ, 2008).

Como podemos observar vários são os fatores que compactuam frente aos problemas enfrentados nas séries iniciais para que as crianças fracassem. No entendimento de Jaime Cordeiro, acrescentamos:

Essa discussão é complexa, e não existe um ou dois culpados, porém, existem vários fatores a serem analisados como: escola, professores, alunos, o nível sócio-econômico; além da falta de compromisso quando: [...] suas famílias não lhes oferecem suficiente carinho, estímulo e apoio [...] as crianças seriam mal alimentadas ou desnutridas devido à pobreza, o que lhes provocaria sérios danos às capacidades mentais [...] o ambiente que elas vivem seriam pobres de estímulos sensoriais e marcados por interações linguísticas muito precárias, o que resultaria em déficits dificilmente superáveis. (CORDEIRO, 2007, p. 93)

É necessário que a família como a primeira instituição que lida com a criança, possa ajudá-la nesse processo tão complexo que enfrenta o indivíduo nesse momento; a família deve tentar entendê-los e acolhê-los, porque os repetentes têm péssima auto-estima e podem comprometer seu futuro ao assumir o papel de fracassados, tanto como juízo do seu próprio valor, e/ou até mesmo nas famílias “[...] que vêem o fracasso de seus filhos na escola como um sinal de que não possuem “jeito” para o estudo”. (AQUINO, 1997, p.141). Acreditamos que um dos primeiros pontos seria o aluno sentir-se amado, acolhido, elogiado por mínimo desempenho, tanto pelo os professores, como e principalmente, pela família.

Dentre os vários fatores já citados que colaboram para evasão e a repetência podemos ainda identificar a escola em sua infra-estrutura para sabermos se essa possui capacidade de acomodar as crianças, como também, se os professores possuem condições e aparato teórico para desenvolver suas aulas com alunos de culturas diferentes.

É notório nas escolas o preconceito entre alunos de culturas diferentes, como também, do nível sócio-econômico inferior, a isso acrescenta atribuir à própria criança e à sua família as causas do fracasso para aprender, o que: “[...] pode gerar um desconforto e um sentimento de desvalorização, que uma vez prolongado pode gerar problemas mais sérios de adaptação de conduta, além de afetar de maneira intensa a confiança e o valor atribuído a si mesmo”. (MARTINELLI, 2001. p. 105).

A repetência causa sérios problemas no processo de aprendizagem, faz com que o repetente torne-se cada vez menos estimulado, pois quem repete tem desempenho cada vez pior, e o fato de ter repetido pouco acrescenta à sua aprendizagem; vai apenas rever os mesmos

conteúdos ao lado de colegas novos que nem sempre compreendem a situação; [...]o sentimento de fracasso faz com que o jovem encare os estudos como fonte de sofrimento e crie bloqueios em relação à aprendizagem (QUERINO apud GENTILE, 2007).

A reprovação ou a simples ameaça, além de causar sérios problemas no processo de ensino-aprendizagem, é ainda a principal causa da evasão. A entrada tardia na escola hoje já não é o principal motivo da distorção, pois com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento de Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), em 1996, as Secretarias tentam criar vagas para todos, pois recebem o recurso de acordo com o número de matrículas.

Um grande número de alunos que consegue matricular-se na 1ª série é, no entanto, reprovados nos exames de fim de ano, e é obrigado há repetir o ano ou sair da escola. De fato, 3 crianças em cada 5 das que freqüentam a 1ª série, são reprovados ao fim do primeiro ano escolar. As reprovações e repetências continuam nas séries seguintes, só diminuindo os últimos anos da escolaridade obrigatória.

O Brasil mesmo alcançando uma escolarização de 83% da população de 7 a 14 anos de idade, o Ensino Fundamental ainda apresenta uma série de problemas que colaboram para a elevação dos índices de analfabetismo e de analfabetismo funcional no país. Entre esses, destacamos:

[...] 4,4 milhões de crianças de 7 a 14 anos de idade ainda são excluídas da escolarização nesse nível. Déficit invisível de quase 4 milhões, correspondente aos alunos matriculados nos chamados “turnos intermediários”, com redução da jornada escolar em todos os turnos [...]. Repetência elevada, especialmente na primeira série (média de 53,7%), exatamente onde deve ocorrer a alfabetização. Evasão (expulsão), geradora de uma escolaridade média nacional de 4,5 anos [...]. Má formação e má remuneração, exatamente mais agravadas na alfabetização e no ensino fundamental. (ROMÃO, 1995. p. 224)..

Corroborando com o autor, percebemos que são os inúmeros elementos que influenciam para que os alunos não se alfabetizem, entre esses mencionados, a exorbitante percentagem de crianças a quem são negados o direito de acesso e permanência na escola, a repetência que por sua vez nega a auto-estima do aluno e o que o faz considerar-se fracassado, se atribuído o juízo de valor de que não possuem jeito para o estudo.

Outro elemento é a evasão, que retira do aluno o direito a educação. Também vemos as péssimas condições de trabalho e de remuneração dos profissionais dessa área, especialmente nos anos iniciais, o que compromete o processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo demasiadamente o quadro de analfabetos no Brasil, como também, alastrando os índices de evasão e repetência escolar.

### **1.5 O Papel da Família Diante do Fracasso Escolar**

A família como uma instituição que lida diretamente com a criança (aluno) têm papel fundamental para com o sucesso escolar. Os pais constituem uma base importante na educação dos filhos, porque eles integram uma das instituições que se relaciona diretamente com a criança, mas, sabemos que os pais não estão sozinhos nessa responsabilidade. Dessa forma, esses devem se fazer presentes na escola trabalhando junto dos professores na perspectiva de formar cidadãos conscientes de seu papel social, como forma de: “[...] encoraja-lo, ajuda-lo nas atividades, acompanhar, valorizar o esforço empregado e os progressos conseguidos [...]”. (MATADO, 2008).

Por outro lado, sabemos também que muitas famílias se eximem de qualquer obrigação, seja essa escolar ou não, a isso reconhecemos que uma criança que vive num ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições de expressar suas emoções, tem chance de lidar com maior segurança e equilíbrio com seus sentimentos e pode dessa maneira trabalhar com seus sucessos e fracassos. A adaptação ao ambiente escolar, principalmente no início da escolarização, bem como as exigências demandadas por ela, pode ser motivo de muitas angústias e geradora de inseguranças por parte dos sujeitos envolvidos nesse processo, que se vêem obrigados a corresponder às exigências tanto dos pais como dos docentes.

A isso apontamos que:

O fracasso escolar seria então explicado como consequência de certa assintonia entre os acontecimentos, padrões e valores transmitidos pela escola [...] para se desenvolver um trabalho escolar bem sucedido, a escola, em especial o professor, deveria partir dos acontecimentos, dos saberes e da cultura desses alunos para, a partir deles, trabalhar com os acontecimentos escolares propriamente ditos. (SOUZA apud AQUINO, 1996, p. 115).

Quando ouvimos algo sobre crianças que fracassam na escola, geralmente colocamos a culpa, na família, na escola, ou no professor, mas nunca nos perguntamos o que efetivamente leva o aluno a fracassar. Assim ainda podemos questionar: “[...] quais as concepções e aspirações que pais analfabetos têm em relação à alfabetização dos filhos e verificar se existe ou não relação entre o analfabetismo dos pais e o fracasso dos filhos na escola”. (MACIEL apud GOMES, 2004, p. 113).

Uma pesquisa realizada com pais que tinham filhos matriculados nas séries iniciais numa periferia da cidade de Sabará em Minas Gerais, alerta-nos para o analfabetismo geracional, não na perspectiva de que o analfabeto gera o analfabeto, e sim, na perspectiva de que “[...] o analfabetismo passa de uma geração a outra porque suas raízes estão nas condições sociais [...] enquanto não se alterarem simultaneamente as condições sociais de vida e trabalho, qualquer reforço de alfabetização de massa será inválido”. (MACIEL apud GOMES, 2004, p. 123).

Segundo a pesquisadora Maciel, o que predominou (e ainda predomina) foi (é) a interferência do trabalho na escolarização, sendo o que acontece não somente com a maioria dos alunos da cidade de Sabará como de todo o Brasil.

Essa história de pais e filhos analfabetos demonstra que as crianças das camadas desprivilegiadas além de estudarem também trabalham. Apesar de reconhecerem a importância da aprendizagem, a demanda do trabalho em suas vidas é prioritária em relação ao dever de ir à escola.

A pesquisa não corrobora os efeitos negativos do analfabetismo na vida dos analfabetos e de seus filhos, nem confirma a responsabilidade frequentemente atribuída aos pais analfabetos pelo fracasso dos seus filhos na escola. Por outro lado, os dados evidenciam que os problemas do analfabetismo e do fracasso escolar ultrapassam limites da ação educativa, e devem ser vistos e solucionados no quadro de suas determinações sociais, econômicas, políticas e ideológicas. Dessa forma, devemos explorar os elementos já mencionados na tentativa de uma delimitação mais precisa, no intuito de aclarar tal situação.

Estudos realizados por Zaia Brandão (1983) apresentam resultados de uma pesquisa desenvolvida pelo Programa de Estudos Conjuntos de Integração Econômica da América

Latina (ECIEL), o qual se baseou numa amostra de cinco países latino-americanos, e concluiu que:

[...] o fator mais importante para compreender os determinantes do rendimento escolar é a família do aluno, sendo que, quanto mais elevado for o nível da escolaridade da mãe, mais tempo a criança permanece na escola e maior é seu rendimento escolar. (BRANDÃO, 1983, p.38-9).

Assim, a família foi apontada como determinantes no fracasso escolar da criança, seja pelas suas condições de vida, seja por não acompanhar o aluno em suas atividades escolares. Nesse sentido importa dizer que se por um lado, a família não tem participado da vida escolar da criança, de outro lado, os professores também não têm procurado visitar a família para saber as razões pelas quais as crianças deixam à escola.

Com base na sistematização e análise dos dados, foi possível identificar que: [...] a evasão escolar é um aspecto presente na percepção dos professores e pessoal técnico-administrativo, mas um aspecto ausente nas ações político-administrativas desta unidade escolar pesquisada. (QUEIROZ, 2008).

Em parte, constatou-se que a escola não apresenta no seu universo de trabalho, um projeto político organizado e sistematizado que norteie a prática dos professores em relação à criança que evade, como também em relação à criança em fase de possível evasão, ou seja, aquela criança que constantemente se ausenta da sala de aula e que se ausenta freqüentemente da escola.

A ausência de uma prática reflexiva sobre a evasão escolar tem contribuído, em grande parte, para a disseminação e a legitimação de idéias já reproduzidas no dia-a-dia da escola, são elas: [...] a de que a evasão é determinada apenas pela condição socioeconômica da família e pela desestruturação familiar. (QUEIROZ, 2008). Tais idéias, uma vez reproduzidas, não somente justificam a imobilidade, mas, mais do que isso, impede a realização de quaisquer ações.

A idéia de que a responsabilidade e a solução pelo fracasso escolar cabem ao “outro”, foi evidenciada nas falas da direção, coordenação pedagógica e dos funcionários da escola pesquisada. Um exemplo disso foi quando mencionaram que a evasão escolar é causada pela desestruturação familiar. Tal afirmativa sem qualquer reflexão crítica, pode ser um dos

aspectos que impeçam a escola, de procurar saber as causas da evasão escolar das crianças. É interessante destacar que embora os professores e demais profissionais da escola não procuram as famílias para saberem as causas da evasão escolar das crianças, isto não lhes impediram de fazerem pré-julgamentos dos possíveis motivos que levaram as crianças a deixar os estudos.

Contudo, o fato da escola pesquisada não ter ainda desenvolvido um projeto político que norteie a sua prática em relação à criança que evade, não quer dizer que não existam, em seu interior, ações preventivas que amenizem o índice de evasão, ainda que tais ações se dêem de maneira esporádica e isolada.

Observa-se que muitas vezes essas ações passam a ser de competência de cada professor que determina o que fazer e como agir em cada situação, um exemplo a isso foi quando afirmaram nas entrevistas que: “[...] procuram, no seu dia-a-dia, diversificar suas aulas fazendo com que o aluno se sinta motivado e interessado, e desta forma, permaneça na escola”. (QUEIROZ, 2008). Importa destacar que, esta atitude dos professores está direcionada às crianças em sala de aula e não àquelas que já evadiram.

É interessante observar que, embora os professores não tenham estabelecido contato com a família, estes, por um lado, esperam que a família venha até eles para se informar acerca dos acontecimentos da escola, em especial, sobre o comportamento e desempenho de seu filho, sem criar estratégias para que tal aconteça, por outro lado, os professores ressaltam a necessidade de a instituição escolar promover uma política de interação entre a família e a escola, procurando se informar sobre aquela criança que abandonou os estudos, os motivos de sua evasão e principalmente buscar maior participação da família na sua educação.

Os professores acreditam também que se a família participasse mais e se a escola desenvolvesse esta política de interação com a família, talvez fosse possível reduzir a evasão escolar de seus alunos. Em relação à família ainda acrescentamos: “[...] a atitude com a criança que evade consiste basicamente em conversar com os filhos sobre a importância dos estudos em suas vidas, pois acreditam que, através dos estudos, seus filhos terão um “futuro melhor””. (QUEIROZ, 2008).

Embora a família conceba a escola como um espaço de ascensão social através do qual seu filho possa "mudar suas vidas", ela não vai à escola saber por que seu filho a abandonou, como também, parece não tomar atitudes concretas que garantam o seu retorno à sala de aula.

Em estudo realizado por Bernard Charlot sobre o fracasso escolar nos bairros populares franceses, o qual tem como foco a relação das crianças com o saber e com a escola observou-se que existe uma grande "confiança" na escola por parte das "famílias populares", e por isso: "Elas nem vão ver os professores, porque dizem que os professores sabem melhor do que elas o que fazer". (CHARLOT apud QUEIROZ, 2008).

Essa atitude dos pais dá margem para pensamentos errôneos, porque os professores pensam esses pais não se interessam pela educação dos filhos, por simplesmente, os pais suporem que os professores possuem maiores condições intelectuais de educar seus filhos, a isso esses se ausentam.

Todavia, pais e professores justificam o comportamento um do outro, já no que se diz respeito à família, o fato desta não visitar a escola, não nos permite afirmar que esta não tem interesse pela educação de seus filhos, como afirmam os professores da pesquisa aqui desenvolvida. Pelo contrário: "[...] os pais esperam que seus filhos tenham êxito na escola, ainda que este interesse esteja relacionado à perspectiva de ascensão social e não à construção de um saber". (CHARLOT apud QUEIROZ, 2008).

De uma forma ou de outra esses pais almejam que seus filhos tenham sucesso na escola, mesmo que não priorizem a construção do saber como fator determinante. Ainda nessa perspectiva, ressaltamos a responsabilidade da família na aprendizagem da criança. A isso destacamos: "Os pais são os primeiros ensinantes e as [...] atitudes destes frente às emergências de autoria do aprendente, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos [...]". (FERNÁNDEZ apud MEIRA, 2008).

Quando se falam em "famílias possibilitadoras de aprendizagem" tem-se uma tendência a incluir as famílias de classes baixas, uma vez que essas não podem oferecer uma qualidade de vida satisfatória, nem o acesso a diversas formas de culturas (cinema, teatro etc). Entretanto: "[...] é possível a existência de facilitadores de autoria de pensamento mesmo convivendo com carências econômicas [...]". (MEIRA, 2008).

Mesmo as famílias desprovidas de uma financeira e também de um cabedal de conhecimentos suficientemente necessários para transmitir sua ideologia, suas crenças, seus valores, mesmo assim, convivendo com carências econômicas e culturais é possível haver aprendizagem.

Alicia Fernádes em seu livro “O saber em jogo” (2001), cita uma pesquisa realizada com famílias de classe baixa facilitadora de aprendizagem. Segundo a autora, o que caracteriza essas famílias é a criação de um espaço para que cada membro possa escolher e responsabilizar-se pelo escolhido, propiciando um espaço para autoria de pensamento. Os questionamentos são possíveis e favorecidos, há possibilidade de aceitar as diferentes opiniões e idéias entre eles, contribuindo assim para a construção de conhecimentos. Dessa maneira, essas condições não são comuns as famílias possibilitadoras de aprendizagem.

### **1.6 O Papel da Escola Diante do Fracasso Escolar**

Sabemos que a escola enquanto instituição que veicula o saber sistematizado sendo esta responsável diretamente por construir uma sociedade equânime deve questionar constantemente sua ideologia no sentido de refletir e entender se esta está cumprindo seu papel social no processo de construção do saber.

Diante das novas tecnologias e respectivamente da globalização vemos que a sociedade exige demasiadamente da escola um ensino que contribua para a formulação de sujeitos críticos, autônomos, versáteis, no qual, seja valorizado primordialmente a real formação do cidadão, num cabedal de conhecimentos que norteie sua vida enquanto sujeito social.

A partir da globalização percebemos que sociedade e o mercado de trabalho estão exigindo a cada momento pessoas qualificadas, que saibam respeitar o próximo, pessoas que tenham espírito de liderança, que saibam viver em comunidade, que se mantenham num constante processo de construção considerando-se um eterno aprendiz. Porém, se a escola não receber apoio de outras instituições também responsáveis pela construção do sujeito (como exemplo, a família), essa por sua vez não atingirá seu propósito, o de formar pessoas capazes de intervir positivamente no meio social.

Por outro lado, se a escola recebe esse apoio, desenvolvendo um trabalho coletivo, essa poderá formar pessoas mais humanas, respeitando o outro, reconhecendo suas possibilidades e respeitando seus limites, considerando a cultura de cada um num jogo de explicitações, conversações e particularidades pertinentes nesse processo.

A sociedade cada vez mais procura êxito profissional, a competência a qualquer custo, e a escola também segue esta concepção. Aqueles que não conseguem corresponder às exigências da instituição poderão sofrer com o problema de aprendizagem. A busca incansável pela perfeição leva a rotulação daqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos.

Assim, torna-se comum o surgimento em todas as instituições educativas de “crianças problemas”, isto é, as crianças que não apresentam bom desempenho escolar. Esse problema torna-se parte da identidade da criança. Desta forma: “[...] ao passar pelo portão da escola a criança assume o papel que lhe foi atribuído e tende a correspondê-lo”. (MEIRA, 2008).

A sociedade atualmente busca êxito, educando e domesticando as pessoas. Seus valores, idéias e mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam ao fracasso. Em nosso sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida. As atividades exigidas visam primordialmente à assimilação da realidade imposta pela instituição, não possibilitando o processo de autoria do pensamento: “[...] o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção [...]”. (FERNÁNDEZ apud MEIRA, 2008).

Nunca será demasiado falar que esse caráter informativo das instituições educacionais se manifesta também nos livros didáticos, nos quais o discente é levado a decorar/memorizar conteúdos e/ou informações, não propiciando momentos de reflexão, nem tão pouco diálogo (no sentido de troca de informações-socialização do saber), levando-os a não pensarem os conteúdos expostos pelo professor, mas, simplesmente memorizá-los, não ocorrendo de fato à construção de conhecimentos.

Outro fator determinante evidencia-se quando os professores não desenvolvem seu fazer pedagógico a partir da realidade existencial dos educandos. Essa postura contribui para que os alunos se evadam da escola, uma vez que esses não vêem sentido em conhecer o que não se relaciona intrinsecamente com o seu meio. Esses conseqüentemente retornam no ano seguinte

como repetente o que é ainda pior, porque a repetência é “[...] sempre debitada na conta da criança, e considerada algo natural, inevitável e até desejável em benefício da qualidade do ensino, afinal os fracassados revelam sua incapacidade diante das exigências das instituições escolares”. (ROMÃO, 1995. p. 225).

Ainda citando o autor, colocamos: “[...] uma escola democrática é a que reconhece os avanços e consideram os tropeços como construções de sua trajetória pessoal no processo de aprendizagem”. (ROMÃO, 1995. p. 226). Nesse contexto, a escola deve respeitar o nível de aprendizagem dos alunos, considerando os tropeços como ponto de partida da trajetória individual de cada um, uma vez que essa também deve estimulá-lo a reconhecer suas potencialidades e resgatar sua auto-estima, uma vez que esse acaba introjetando por juízo de valor atribuído a si mesmo, que, “[...] misturando complexo de inferioridade e culpa, torna-se indiferente ou “rebelde” e acaba aceitando o fracasso que a escola lhe impõe, e este o marcará pelo o resto de sua vida”. (ROMÃO, 1995. p. 226).

Diante dos inúmeros estudos e leituras acerca do tema e das dificuldades de aprendizagem que dele emerge percebemos que: “[...] um sintoma não deve ser considerado de forma única, isolada, mas dentro de um contexto muito mais amplo e repleto de significados[...]”. (MANONNI apud MEIRA, 2008). Daí a necessidade de buscar o significado de não aprender, analisando a história de vida do sujeito e buscando uma significação das fantasias relacionadas ao ato de aprender.

Como já mencionamos anteriormente, a própria instituição educativa contribue para o fracasso escolar, uma vez que muitas não levam em consideração a visão de mundo do aprendente. As discordâncias entre o desempenho dentro e fora da instituição são significativas. Muitas vezes os profissionais da educação não conseguem transpor o conhecimento ensinado para a realidade do aluno.

A isso pode ser explicado no livro “Na vida dez na escola zero” de Teresinha Carraher (1995), que trata do ensino da matemática, no qual os alunos demonstram que na escola vão mal, porém, em situações cotidianas, onde necessitam de raciocínio matemático eles vão muito bem.

Outra questão referente à escola é que está, ao valorizar a inteligência, se esquece da interferência afetiva na aprendizagem. O sujeito pode estar em dificuldades de aprendizagem por ter ligado este fato a uma situação de desprazer e/ou constrangimento; e esta situação pode até estar ligada a algum acontecimento escolar. Em concordância apresenta: “[...] a escola pode provocar na criança conflitos que influenciarão seu gosto pelo aprender”. (CLAPAREDE apud MEIRA, 2008).

### **1.7 A Má Remuneração de Professores e a Ausência do Planejamento: Fatores que Colaboram para o Fracasso Escolar**

Ainda não foram elaboradas políticas públicas que assegure aos professores condições mínimas de apoio à docência. O salário é vergonhoso, as estruturas escolares são precárias, não acomoda a demanda, a escola não disponibiliza recursos didáticos necessários para os professores diversificarem a aula, para saírem do monólogo no qual, só o professor fala. Sob este aspecto citamos que os professores encontram-se: “[...] desprovidos de material técnico necessário, de condições mínimas de trabalho e de um corpus de conhecimentos que possam subsidiar os desafios impostos pela prática educativa [...]” (HARA, 1992, p. 9).

Nessas condições fica difícil desenvolver um trabalho significativo; entendo que a escola deve disponibilizar material didático necessário ao trabalho do professor, e esse por sua vez deve adquirir conhecimentos que subsidie seu fazer pedagógico para não vir a ser professor a “título precário”.

Apesar da Legislação Brasileira regulamentar o exercício da cidadania somente aos habilitados (lei que não se efetiva, considerando o número de pessoas que atuam na área sem a formação necessária), a mesma Legislação faculta, em disposições transitórias, o exercício da docência a qualquer cidadão (se analisarmos as pessoas que são formadas para tal, e que transitam por outra área por não verem na docência meios para manter-se, saberíamos o quanto é exorbitante).

Some-se a isso a persistência dos baixos salários e precárias condições de exercício profissional que impulsionam os professores há buscarem um adicional para relevar as despesas mensais. Cabe destacar que no contexto que se encontram, os professores precisam de condições mínimas satisfatórias para transitar apenas somente na área educacional, não

percorrendo áreas distintas para restar-lhes tempo adicional a leitura e ao planejamento, porque se assim não o fizer, “[...] o tempo que lhe sobra para escolarização é muito pouco, e quando tenta usa-lo é vencido pelo cansaço, que se apresenta como limite significativo”. (HARA, 1992. p. 9).

## **CAPÍTULO II - O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ASPECTOS AFETIVOS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Analisando o fracasso escolar na perspectiva dos “aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem” percebemos que os elementos que compactuam para a predominância da Evasão e Repetência vão muito além, cabe-nos ressaltá-los: o abandono, a separação dos pais, a perda de um dos progenitores, um ambiente desfavorável à manifestação afetiva, como a depreciação e como também a experiência repetida insucessos, o que além de levar o indivíduo para o caminho do fracasso poderá levá-lo ao abandono do processo de escolarização.

Assim, a manifestação de um baixo desempenho bem como do surgimento de dificuldades de aprendizagem, resultante ou não de um sistema educacional gerador de obstáculos, devem ser motivos de preocupação e atenção por parte dos pais e educadores no geral.

Explorando um pouco mais sobre afetividade, percebemos que:

[...] uma disposição afetiva positiva para aprender manifesta-se através de atitudes, interesses e confiança em suas capacidades cognitivas, facilita a aprendizagem, possibilitando aos indivíduos atingir um melhor desempenho, além de aumentar a rapidez de ocorrência de novas aprendizagens, em comparação com os alunos que se encontram sem entusiasmo e desinteressados. (BLOOM apud MARTINELLI, 2001. p. 105).

Uma questão colocada atualmente, quando se fala de aprendizagem, refere-se aos problemas enfrentados pelas crianças no processo de escolarização, nesse sentido, podemos questionar quais são os elementos que se inserem nesse processo (além dos já citados) e que merecem nossa atenção quando tentamos buscar esclarecimentos sobre o aprender e o não aprender.

Dessa maneira, é cabível que a escola reveja sua prática pedagógica e assuma o compromisso político de propiciar a educação àqueles que mais necessitam dela, porque ao que apresenta:

[...] a escola ainda não deu conta de que o fracasso, a evasão e a reprovação são fenômenos que só ocorrem entre as crianças mais pobres, o que leva a constatação de que não é a criança que está inadequada para escola, mas sim a escola que está inadequada para atender essas crianças. (ROSSINI e SANTOS, 2001. p. 231).

Daí a necessidade de que o professor perceba o prejuízo que pode causar a uma criança quando questiona sua capacidade de aprendizado, acima de tudo, é preciso tirar da criança o peso por não aprender.

Entretanto, há que se ter claro que não basta transferir “a culpa” da criança para o professor, pois é preciso considerar os fatores que contribuem para que existam professores que joguem sobre a criança a responsabilidade pelo fracasso escolar.

Pesquisando sobre o tema em estudo, encontramos alguns estudos que pode ajudar a amenizarmos o problema em evidência, como o caso da análise que nos revela a situação da docência nos últimos anos. Sugere que:

[...] a formação não tem sido adequada, [...] a dissociação entre teoria e prática, a precária qualidade teórica e a falta de compromisso social, como principais causas da inadequação da degradação do trabalho pedagógico. (FREITAS apud ROSSINI e SANTOS, 2001, p. 231-32).

No mesmo sentido, observa-se que “[...] a realidade vivida nas escolas é um tanto distante do discurso pedagógico propagado no curso do Magistério, que enfatiza o “fazer” em detrimento do “por que fazer” e do “para que fazer””. (NUNES apud ROSSINI e SANTOS, 2001. p.232).

Outros fatores como a falta de material, instalações precárias, baixos salários, turmas superlotadas, falta de atualização e formação constante, entre outros contribuem para a deteriorização do trabalho docente e faz com que tenhamos uma grande parte de professores incapazes de questionar sua própria prática.

Enquanto são aguardadas modificações nas políticas públicas para a área da educação, não podem ser esquecidos o compromisso e a responsabilidade de cada educador para com seu aluno e de cada instituição para com seus professores, em situações de desempenho escolar insatisfatório.

Faz-se necessário investir em múltiplos e concomitantes projetos que envolvam pesquisadores, escola e sociedade, que tenham como alvo principal a formação do professor e a valorização do trabalho docente, pois é este o profissional que tem ligação direta com a criança e sua família, o que lhes possibilita mudar não somente a sua sala de aula, como também lançar sementes para mudanças num contexto muito mais amplo. (ROSSINI e SANTOS, 2001. p. 232).

Estando-nos conscientes das dificuldades de aprendizagem que envolve a expressiva taxa de evasão e repetência percebemos que a escola não consegue encontrar culpados para o fracasso escolar, e a culpa acaba por recair na criança, que recebe rótulos de como: carente cultural, incapaz, ou até mesmo imaturo, tais rótulos retira da escola toda e qualquer responsabilidade pela não aprendizagem; por essa razão:

[...] crianças com dificuldades de aprendizagem, vivendo história de fracasso escolar, chegam aos postos de saúde, as clínicas escolas das faculdades de psicologia e as clínicas particulares trazendo o que chamamos de “queixa escolar”, essas são atendidas por psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, pediatras e outros profissionais, que desenvolve várias formas de avaliar, atender e tratar as crianças que fracassam. (MACHADO apud AQUINO, 1997, p. 73).

A isso nos faz acreditar que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente às dificuldades de ordem emocional bem como a fatores de ordem extrínseca, como condições ambientais desfavoráveis ou instrução insuficientes ou desfavoráveis e educadores sem aparato teórico que respalde sua prática.

## **2.1 O Fracasso Escolar Junto a Teoria da Carência Cultural e a Teoria da Diferença Cultural**

Pesquisando sobre Evasão e Repetência Escolar, e conseqüentemente sobre o Fracasso Escolar encontramos a Teoria da Carência Cultural, que responsabiliza criança pobre e sua família pelo insucesso na alfabetização. Em nenhum momento questiona o papel da escola na produção do fracasso, apenas sugere uma mudança curricular, a fim de ajustar à criança carente a sociedade, e apresenta como solução programas especiais que busquem compensar as suas deficiências.

Essa teoria aponta nas crianças das camadas populares, as mais variadas deficiências: de alimentação, habitação, de bens materiais, prestígio social, e de estimulação verbal, o que seriam deficiências significativas para o não sucesso escolar.

Estudos de natureza sócio-linguística e antropológica desmistificaram o pressuposto presente na Teoria da Carência Cultural, de que a linguagem e a cultura das crianças das camadas populares são deficientes. Ao que apresenta a seguir:

O estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro [...] que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas: todas elas estão adequadas às necessidades e características da cultura a que se servem, e igualmente válidas como instrumento de comunicação social. (SOARES apud GOMES, 2004. p. 102).

Portanto, a cultura e a linguagem das camadas populares não são consideradas inferiores nem atrasadas, mas diferentes.

Enquanto a Teoria da Carência Cultural busca explicações para o fracasso escolar das crianças das camadas populares fora da escola, a Teoria da Diferença Cultural aponta para uma inadequação da escola à realidade cultural dessas.

Os estudos de natureza sócio - linguística condizem com a Teoria da Diferença Cultural quando atribuem o fracasso da alfabetização de crianças das camadas populares, principalmente, “[...] a problemas decorrentes da distância entre a variedade escrita e o dialeto padrão e os dialetos não padrão de que são falantes essas crianças [...]” (SOARES apud GOMES, 2004. p. 102).

Nessa perspectiva, o fracasso escolar é explicado por separação significativa entre a variedade linguística das crianças em discordância com a variedade do dialeto padrão veiculada na escola, ou seja, a distância entre o linguajá das crianças das camadas populares e a norma culta.

O fracasso escolar é hoje um grande problema para o sistema educacional, e hoje está entre os problemas mais estudados e discutidos. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos culpados de tal fracasso e, a partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico. Se a aprendizagem acontece em um vínculo, se ela é [...] um processo que ocorre entre subjetividades, nunca uma única pessoa pode ser culpada. (MEIRA, 2008).

A isso nos lembra: “[...] a culpa, o considerar-se culpado, em geral, está no nível imaginário [...]”. (FERNÁNDEZ apud MEIRA, 2008).

Retomando ao estudo sobre a Teoria da Diferença Cultural, encontramos que essa propõe uma mudança de postura por parte dos professores, enfatizando o respeito aos padrões culturais e lingüísticos, e a forma de pensamento das crianças menos favorecidas. Contudo, na prática, o professor mesmo consciente da necessidade de respeitar os padrões culturais de seus alunos, continua a valorizar os padrões culturais e lingüísticos da classe dominante.

Segundo Bordieu, esse fato pode ser explicado pela existência de uma economia das trocas materiais e uma economia das trocas simbólicas, e, portanto, uma economia das trocas lingüísticas. Para ele, funciona na escola um mercado lingüístico das classes dominantes que detém o poder e a autoridade nas relações de força econômica e cultural e que impõe a sua linguagem como sendo a única e legítima, constituindo-a em “capital lingüístico escolarmente rentável”. A apropriação ou não desse capital é responsável pelo sucesso ou fracasso escolar.

A isso apresenta que:

[...] cada família transmite as seus filhos, mais por vias indiretas que direto certo capital e certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribui para definir, entre outras coisas, as atividades face ao capital cultural e a instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar, e, conseqüentemente pelas taxas desiguais de êxito. (BOURDIEU apud RESENDE, 2004. p. 104).

Nessa perspectiva, as crianças das classes dominantes chegam a escola de posse de um capital cultural e lingüístico legítimo, adquirido em seu grupo social, o que lhes possibilita maiores chances de sucesso na escola. Por outro lado, as crianças das camadas populares não dispõem desse capital cultural, porque adquiriram em seu grupo social outra linguagem, linguagem essa, considerada não legítima, e em conseqüência disso, fracassam na escola.

A criança que fracassa geralmente é aquela que não consegue aceitar a visão de mundo da escola, porque essa visão não tem relação com sua cultura.

Ao falarmos de fracasso escolar, além de tentarmos analisar os fatores que compactuam para seu surgimento, é necessário conceituar aquilo que viria ser seu oposto: a aprendizagem.

A aprendizagem é um processo que acontece entre o ensinante e o aprendente, ocorre, portanto entre subjetividades. Dessa forma, citamos:

Para aprender, o ser humano coloca em jogo seu organismo herdado, seu corpo e sua inteligência construídos em interação, e a sua dimensão inconsciente. A aprendizagem tem caráter subjetivo, pois o aprender implica em desejo que deve ser reconhecido pelo aprendente. O desejar é o terreno onde se nutre a aprendizagem. (FERNÁNDEZ apud MEIRA, 2008).

A partir disso, podemos defini-la como:

[...] uma construção singular que o sujeito vai fazendo a partir de seu saber e assim ele vai transformando as informações em conhecimento, deixando sua marca como autor e vivenciando a alegria que acompanha a aprendizagem. (MEIRA, 2008).

A autora Alicia Fernández, diferencia fracasso escolar, problema de aprendizagem e deficiência mental. Para ela, no fracasso escolar [...] a criança não tem um problema de aprendizagem, mas eu como docente, tenho um problema de ensinagem com ele. (FERNÁNDEZ apud MEIRA, 2008).

As palavras da autora nos fazem refletir sobre a escola e os profissionais da educação, que situa o problema do fracasso apenas na criança, considerando-o como portador de algum tipo de “desvio” ou “anormalidade”. Mas segundo a autora, são os docentes que estão despreparados intelectualmente, nem psicologicamente para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais.

Daí a necessidade de investir numa formação sólida, baseada em princípios que forme o cidadão consciente. Para que isso aconteça é preciso que o educador se conscientize da necessidade de renovar sua prática pedagógica, pensando necessariamente na possibilidade de renovação pedagógica, através de um trabalho significativo.

Assim, o insucesso é atribuído à debilidade das capacidades intelectuais, à cultura desviante e a outras categorias, levando as crianças que fracassam a tratamentos diversos em instituições especializadas; como se o responsável pela não aprendizagem fosse único e exclusivamente o aluno.

## **2.2 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 1996, Junto ao Parecer de Políticos: Posicionamento Frente à Evasão e Repetência Escolar**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, rompeu com a cultura da repetência, abrindo a possibilidade de haver avanço para etapas seguintes. Surgiram ferramentas como a progressão continuada e as classes de aceleração que consiste em reunir em uma mesma turma, durante um ano, estudantes em defasagem e aplicar um programa para os alunos reconquistarem a confiança em sua capacidade em aprender.

As idéias para combater os problemas geralmente prevêm maiores investimentos nas escolas e em programas de incentivo ao estudo. Especialistas dizem, porém que a superação desses dois sérios obstáculos à melhoria da educação é um trabalho difícil e gradual.

Os programas do governo não prevêm soluções rápidas para esses problemas. O PT defende programas como o Bolsa-Escola, que sendo desenvolvidos pelo governo federal; esse dá incentivo aos pais para manterem os filhos na escola.

A cientista política Maria Helena de Castro (2007), defende a continuidade de programas que já estão sendo implantados, e diz que: “não dá para acabar com a repetência por decreto”; o físico Luís Pinguelli Rosa (2007), que ajudou a formular as propostas de Luiz Inácio Lula da Silva para a educação, corrobora quando afirma que “não tem nenhuma proposta canônica para resolver o problema da evasão. É necessário aproveitar as experiências que já tivemos e aprimorá-las”.

O assessor de Ciro Gomes (PPS), o economista Maurício Dias David (2007), afirma que “é importante trabalhar para melhorar a qualidade do ensino”. O assessor de Anthony Garotinho, o deputado estadual César Callegari (PSB-SP) (2007), concorda quando afirma que “melhorar a qualidade das aulas é a melhor forma de combater a evasão” ele diz também que “é necessário intervir na melhoria das escolas, para, por exemplo, diminuir o número de alunos por classe”.

Entretanto é necessário que nos unamos, enquanto futuros pedagogos aos demais que já atuam, para reivindicarmos juntos aos governantes, no intuito de conseguir recursos para trabalharmos em prol dessas “causas”, porque ao que vemos, o fracasso escolar é um dos

maiores problemas da educação brasileira, e não podemos permitir que o atual índice permaneça, mas, tentar revertê-lo.

Todos nós sabemos que final de ano é início de tormento para mais de 7 milhões de brasileiros, pois os meses de novembro e dezembro são sinônimos de pesadelo. A questão é que os alunos são reprovados na escola, rotulados de incapazes e obrigados repetir novamente a mesma série que acabou de concluir, revendo os mesmos conteúdos, inclusive os já assimilados. É incrível, mais pouco tem sido feito (com sucesso) para reverter tal quadro.

Parece que no Brasil o problema é inevitável, e o que é pior, a história se repete há décadas. Em torno de 20% dos alunos do Ensino Fundamental fracassaram muitos pela segunda ou terceira vez; outros se cansam da situação absurda e engrossa uma estatística vergonhosa, a da evasão. No total, quase de 9 milhões de jovens, três vezes maior a população do Paraguai, deixou de aprender.

### **2.3 A Construção Existente entre Reprovação e Repetência Escolar**

A reprovação e a repetência é uma questão muito contraditória, muitos professores acham que é um desperdício um aluno repetir, outros sentem tristezas, por que dizem que é um ano inteiro de trabalho perdido, uns sentem-se constrangidos, e outros ficam tranquilos, porque dizem que não adianta passar um aluno, quando se tem certeza que o mesmo não acompanha a série seguinte.

Nessa perspectiva, é relevante que os professores e a instituição escolar compreendam que: “A reprovação não culmina as causas das dificuldades que se erguem no caminho da aprendizagem pelo contrário, exarceba-as”. (ROMÃO, 1995. p. 227).

Os repetentes quando saem da escola, levam consigo a marca e a humilhação do fracasso: saem convencidos de que fracassaram porque são menos dotados, menos inteligentes e menos capazes do que os outros, para isso “[...] é necessário que o educando tome consciência das deficiências educacionais e sociais, mas de maneira positiva, para que tenha ânimo e queira contribuir no esforço para sua superação”. (NERECI, 1993, p. 57).

Nesse sentido “[...] a ação educativa, deve na medida do possível transcorrer com base em dificuldades, para que o educando se empenhe se desenvolva e cresça, em sentido geral, pelo esforço empregado [...]” (NERICI, 1975, p. 49). O aluno deve conscientizar-se de que necessita de ajuda, e deve esforçar-se o bastante para superar a situação; para isso é necessário que educadores e escola enquanto instituição que veicula o “saber sistematizado” trabalhe para resgatar primeiramente auto-estima do aluno, para que esse sinta vontade aprender e concomitantemente contribua para uma formação sólida, baseada em princípios éticos, onde a aprendizagem como interação do professor-aluno possa acontecer reciprocamente.

Considerada um dos principais indicadores da educação a taxa de repetência de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série no Brasil, é de 21%, e se assemelha às de Moçambique e Eritreia, onde a repetência reflete condições insatisfatórias de ensino e de aprendizagem.

O assessor da área de educação da Unesco no Brasil Célio Cunha diz que: [...] uma das explicações para o fracasso escolar é a falta de condição para o professor [...] a repetência além de ser prejudicial ao sistema acaba com a auto-estima do estudante. (CUNHA apud GENTILE, 2007).

Seguindo a mesma linha de raciocínio e corroborando com o assessor acima, o fracasso pode ser explicado pela falta de condições para o professor, sem deixarem isentos, certo professores despreparados que concluíram o curso há décadas, e não possui uma metodologia que sirva para estimularem seus discentes ao exercício da aprendizagem, crendo esses que estão preparados para assumir uma sala de aula. É inevitável a existência de professores que dizem com palavras e ações que já possuem um cabedal de conhecimentos, e por conseqüente já se consideram pronto e acabado, sem perceberem que o processo educativo requer formação contínua.

Existem professores que ainda possuem a mentalidade de que para lecionar não é necessário formação, essa questão é semelhante a outrem quando fala que aula todo mundo dá; é verdade aula qualquer pessoa é capaz de conduzir, o difícil é a capacidade de construir o conhecimento com os alunos de modo que eles possam utilizá-los em suas vidas enquanto sujeitos ativos, “[...] admitir que a situação pedagógica não requeira nenhuma qualificação profissional para sua conduta é até mesmo uma desvalorização do professor” (AZANHA apud

AQUINO, 1997, p. 144). Deva ser por esse um dos vários motivos para tal índice de reprovação evasão.

A maioria dos professores não possui uma formação sólida, certo que existem exceções, mas é preciso conscientizá-los que a profissão requer além de compromisso, uma formação pedagógica que esteja num contínuo processo do aprender; essa é questão que permeia o problema em evidência.

O que acontece na maioria das vezes é que a escola diz que: “o fracasso é sempre do aluno” (AQUINO, 1997, p. 12), também reforça quando fala que a culpa de não aprender é do aluno, que não presta atenção; mas não dizem que é o ensino que vai mal, afirma o professor da Faculdade de Educação da USP, Vitor Henrique Paro: “A repetência é uma estupidez, o papel da educação é ensinar e não repetir, em vez de formar seres humanos, a reprovação nega a auto-estima do estudante” declarou.

#### **2.4 A Clientela do Fenômeno Reprovação**

Ao estudar a respeito do fracasso escolar, entendemos que não existe um ou dois culpados, mas, é notório que possuem diversos fatores que compactuam para esse fenômeno. Assim, a discussão se torna complexa, por isso é necessário que sejamos flexíveis ao omitirmos juízos de valor a respeito, para não comprometermos ou responsabilizarmos um único fator ou instituição.

Convém salientar que:

O ábili segundo o qual “os alunos fracassam porque são pobres e suas famílias não valorizam a escola” são desmentidos facilmente pelas estatísticas. Mesmo os alunos que abandonam a escola tende a fazê-lo após várias repetências, indicando que apesar de condição de vida adversa, a população faz um grande esforço para manter-se na escola. (MELLO, 1995. p. 47).

Corroborando com o autor citado acentuamos:

[...] a situação da pobreza embora dificulte a sua aprendizagem, não determina, a priori, o fracasso escolar, este deve ser investigado no sistema sócio-político e econômico e na própria instituição escolar que imersa neste sistema, absorve as suas limitações e contradições. (FERNANDES, 2002. p. 46).

Talvez, isso justifique ou explique uma criança da classe desfavorecida, estudando em escola pública, consiga ser aprovada no vestibular e passe a cursar uma Universidade, e posteriormente manter-se no mercado de trabalho, garantindo sua ascensão e reconhecimento social como recompensa pelo seu esforço empregado.

O problema da reprovação geralmente incide das classes populares, onde o ensino geralmente não é ofertado em condições satisfatórias. A isso citamos:

A reprovação é um ato político, porque atinge desigualmente crianças de origens sociais diferentes, incidindo sobre as mais pobres. Por isso mesmo, constitui o mais poderoso mecanismo intra-escolar de reprodução e agravamento da seletividade social. (ROMÃO, 1995. p. 226).

Corroborando com o autor vemos que crianças das camadas populares tendem a fracassar ou mesmo não conseguem alfabetizar-se na idade-série, e a escola frente a essa questão pouco colabora para reverter esse quadro, quando essa desvaloriza ou não aceita a cultura do aluno, não trabalhando a partir do seu contexto social. Ao que coloca Paulo Freire, acrescentamos:

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezados como algo imprestável, o que educandos [...] trazem consigo de compreensão de mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática social de fazer parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros. (FREIRE, 1992. p. 85-6).

Entende-se a partir dessa compreensão que devemos desenvolver nosso fazer pedagógico a partir da realidade existencial dos educandos, para que esses minimamente permaneçam na escola. Essa questão é muito sensível, porque não é somente da escola que a criança abandona, mas, do direito à educação, educação que por sua vez retira o sujeito do estado de opressão; a essa deve ser dada bastante atenção, porque quando uma criança abandona o sistema escolar: “[...] é porque já abandonou o próprio desejo de aprender a ler, escrever, contar e calcular”. (ROMÃO, 1995. p. 226).

Devemos ficar atentos quando presenciamos uma criança abandonar a escola, ela não o faz por querer, mas, como já mencionamos anteriormente são um conjunto de elementos que contribuem para isso, elementos que se iniciam nas condições sócio-econômicas, penetrando a escola e o próprio aluno.

As escolas diante dessas crianças devem trabalhar junto aos professores para resgatar o aluno, estimulando-o, elogiando-o, por mínimo esforço empregado, para que esse por sua vez não comprometa o seu futuro, desistindo da educação que é semelhante a desejar que as desigualdades sociais permaneçam, considerando a educação como prática de liberdade, liberdade e oportunidade de melhores escolhas.

A aceitação do fracasso das crianças das classes subalternas encontra-se no Brasil desde os anos 70, e é compreensível de vários motivos:

[...] atendia aos requisitos da produção científica, tal como esta era predominantemente definida nesta época, vinha de encontro a crenças arraigadas na cultura brasileiros a respeito da incapacidade de pobres, negros e mestiços; [...] finalmente a ressaltar a pobreza e suas mazelas, atrai a atenção exatamente dos educandos mais sensíveis ao problema das desigualdades sociais, mas, pouco instrumentados teoricamente em decorrência das lacunas de sua formação intelectual para fazer a crítica deste discurso ideológico. (ABRAMOWICZ e MOLL, 1997. p. 124).

É verdade que os maiores índices de reprovação escolar ocorrem entre os alunos de nível sócio-econômico baixo, em que se situa a maior percentagem da população. Contudo, dentre esse reprovados, ainda são os alunos das classes subalternas que lentamente são absorvidos pelo sistema educacional ou precocemente são dele excluído.

Enfim, estudando sobre evasão – repetência e concomitantemente sobre fracasso escolar, percebemos a complexidade que as envolve, o que nos instiga a buscarmos aparato teórico para entendermos o processo de ensino aprendizagem em sua totalidade, não omitindo precoces juízos de valor, mas, conhecendo minuciosamente os fatores que contribuem para que não haja efetivamente aprendizagem entre os discentes.

## **CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS**

### **3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso**

Para realizarmos este estudo, optamos pela Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, localizada no Perímetro Irrigado de São Gonçalo, no Núcleo Habitacional III, no Município Sousa - PB.

Realizamos esse estudo, almejando alcançar os objetivos explícitos inicialmente, para essa realização utilizamos uma observação sistemática em busca de entendermos e a coletarmos dados para subsidiar nosso estudo, bem como a temática em questão: “UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCACIONAIS E AFETIVOS DA EVASÃO E REPETÊNCIA ESCOLAR”.

Dessa forma, utilizamos como instrumento de coleta de dados, a aplicação de “questionários”, para obtermos as informações necessárias e entendermos a questão em estudo. As perguntas elaboradas requeriam conhecimento da temática, já que a referida escola está passando por esse fenômeno, não nos anos iniciais, mas, precisamente no 6º ano do Ensino Fundamental.

Nesse contexto, as perguntas foram dirigidas a quatro (04) professores e um (01) gestor todos com o Pedagógico Superior, além de contarmos com a participação de doze (12) alunos do 5º ano Fundamental, totalizando dezessete (17) sujeitos.

Nessa perspectiva, mediante o exposto anteriormente é notório que a referida pesquisa é considerada um estudo de caso, pois, selecionamos apenas um objeto de pesquisa. A isso acrescentamos: O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (MATOS, 2001. p. 58).

### **3.2 Caracterização da escola**

A escola foi fundada no ano de 1975 devido à necessidade de uma instituição escolar na Comunidade do Núcleo III, o idealizador desse sonho foi Dr. Zenon Meireles de Oliveira (gerente na época do DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra Seca do Perímetro Irrigado de São Gonçalo), juntamente com a assistente social Marion Mesquita Alencar de Oliveira.

Em 01 de Março de 1976 foram iniciadas as aulas (inauguração) no referido estabelecimento de ensino, com o nome Nenésio Palmeira de Lemos, em homenagem a um engenheiro agrônomo que faleceu na época em São Gonçalo.

A escola funcionava com professores vindos de Marizópolis, cidade vizinha à Sousa, como também de São Gonçalo; com o afastamento destes (professores) foi assinado um convênio entre o DNOCS e o Projeto Nordeste para repor o quadro de professores.

A luta dos dirigentes do DNOCS era contínua para conseguir estadualizar a referida escola, depois tantas tentativas, em 1982, a escola foi estadualizada pelo decreto Nº 9. 420/ 82 por nome Escola Estadual de 1º Grau Núcleo Habitacional III, inserida no Padrão A-1, pelo então Governador Tarcísio de Miranda Buriti.

No ano de 1993, a escola passou a ser chamada Escola Estadual de 1º Grau Francisco Cícero Sobrinho, em memória a um irrigante (pai de uma professora que trabalhou/a) que residia na comunidade.

De 1976 a 2001, ocuparam a direção da escola, hoje denominada Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, ligada à 10ª Região de Ensino em Sousa – PB, a diretora hoje aposentada Francisca Alves de Lima. Quem ocupa a direção da escola atualmente é Maria Lúcia Sarmiento de Sá.

A referida escola funciona em três turnos (matutino, vespertino e noturno) no qual funciona o Ensino Infantil e Fundamental, a EJA (hoje), o Ensino Médio e Supletivo(essas duas modalidades começaram a funcionar no ano de 2005).

A escola conta com um corpo docente de um (01) gestor, onze (11) educadores, dois (02) administradores, três (03) agentes administrativos; trezentos e oito (308) discentes, e na parte da limpeza, com oito (08) auxiliares de serviço, totalizando trezentos e trinta e dois (332) sujeitos.

A educação infantil tem por objetivo promover o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, social e intelectual, envolvendo a participação ativa da família e da comunidade, já o Ensino Fundamental é formado de uma base comum nacional que deverá ser complementado em cada sistema de ensino e, no estabelecimento escolar, por uma parte diversificada.

O Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um processo de aceleração implantado na referida escola que veio beneficiar diretamente jovens e adultos que se encontram fora da

faixa etária e que estão prejudicados na aprendizagem uma vez em que não dispõem de tempo para dedicar-se ao estudo devido à carga horária de trabalho.

Em relação à Proposta Pedagógica da Escola(PPP), a mesma expressa as diretrizes do processo de ensino-aprendizagem, determinado, numa ação integrada rumo à escola, tendo como referência a realidade da escola, a realidade da clientela, as expectativas e possibilidades concretas conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Dessa maneira, a proposta veio compactuar com o processo de construção, de transformação, priorizando o pleno desenvolvimento da escola, em busca de uma educação de qualidade e formação de sujeitos críticos e autônomos capazes de participar ativamente da vida social.

O que se espera de uma instituição educacional atualmente frente às exigências da sociedade bem como a globalização, é uma escola que forme o ser humano no uso do cabedal de conhecimentos para atuar com um ser ativo no meio social, no intuito de buscar suas aspirações intelectuais, pessoais, profissionais e/ou espirituais.

A proposta pedagógica tem como finalidade incorporar os conteúdos do ensino e as relações pedagógicas, elementos ético-normativos subjetivos e culturais do mundo concreto onde os alunos organizam-se e se interagem construindo explicações para os fatos e fenômenos da realidade e valores características de uma cultura.

Nesse momento explicitaremos as análises dos questionários aplicados aos referidos profissionais da educação (gestor, professores) como também aos alunos, da referida escola.

### **3.3 Análise do Questionário aplicado ao Gestor**

Realizamos esta pesquisa através de questionários, com esses buscamos conhecer a realidade educacional da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho localizado no Núcleo Habitacional III, São Gonçalo, Sousa PB. Para a aplicação dos questionários contamos com dezessete (17) pessoas, sendo um (01) gestor, quatro (04) professores e doze (12) alunos.

Os questionários foram estruturados no intuito de entendermos o processo de ensino-aprendizagem, bem como a temática em evidência: “Uma Análise dos Aspectos Educacionais e Afetivos da Evasão e Repetência Escolar”.

Este questionário foi aplicado á gestora do núcleo III da escola citada anteriormente, essa possui o Pedagógico Superior e trabalha na educação há 20 anos, mas é primeira vez que assume a direção de uma escola, sempre trabalhou como professora.

Entregamos o questionário contendo quatro (04) perguntas em que a primeira foi: Você é comunicado sobre as dificuldades apresentados pelos alunos para compreender o conteúdo exposto pelo o professor? Ela respondeu: - Sim, até porque o planejamento pedagógico é orientado por mim, e sempre estamos procurando superar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem, durante a execução das atividades propostas.

Com relação à segunda pergunta: Quais os projetos desenvolvidos pela escola para reverter o quadro de evasão e repetência nos anos iniciais? Resposta - Não, na nossa escola não existe evasão e nem repetência nos anos iniciais.

A diretora afirma não existir casos de evasão e repetência nos anos iniciais, mas existem aqueles adolescentes que chegam ao Ensino Fundamental com absurdas dificuldades nas disciplinas Português, Matemática e História e isso acarreta reprovação nesse período. A isso acrescentamos: “A única maneira de fazer o sistema escolar funcionar é graduar o que se ensina. Passo a passo. É a única forma de o professor avaliar seus alunos e saber se eles realmente aprenderam [...] ao passar um aluno da 1ª para a 2ª sem que ele domine os conteúdos necessários, estamos promovendo um absurdo [...]” (PAIN, 2000. p. 23).

Nessa perspectiva, acreditamos que melhor do que passar o aluno sem que esse domine os conteúdos necessários a sua série, seria trabalhar no sentido de fazer com que esse aprenda o que é significativo a cada etapa, essa postura evitaria possíveis dificuldades de aprendizagens decorrente deste processo.

Continuando a entrevista, perguntamos: Você é contra ou a favor da reprovação? Por quê?

Resposta - Depende a forma de como reprovar, cada um tem um conhecimento prévio, de mundo e cabe a nós sabermos como avaliar esse conhecimento.

Segundo o professor da Faculdade de Educação da USP, Vitor Henrique Paro: “a reprovação é uma estupidez, o papel da educação é ensinar e não reprovar, em vez de formar seres humanos a reprovação nega a auto – estima do estudante”.

Prosseguimos, e fizemos a 4ª pergunta: As dificuldades apresentadas pelos professores na sala de aula em relação ao processo de ensino-aprendizagem são colocadas no planejamento?

Resposta: - Sim, sempre procurando a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem.

É viável a colocação da diretora, pois é nesta linha de pensamento que acrescentamos:

“[...] atividade de planejar é uma atividade intrínseca a educação por suas características básicas de evitar o imprevisto, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa [...]”. (PADILHA, 2003. p.45).

Como vimos o planejamento é o momento de explicitar as dificuldades dos alunos em busca de suporte teórico para cessá-las, e essa atividade é imprescindível ao processo educativo.

### **3.4 Análise dos Questionários aplicados aos Professores**

Este questionário foi aplicado há quatro (04) professoras da referida escola, todas possuem o Pedagógico Superior. A professora “A” trabalha com educação há 25 anos, a professora “B” há 30 anos, “C” há 43 anos, e a professora “D” há 33 anos. Essas informações foram coletadas através de conversas informais e um questionário contendo seis (06) perguntas, em que a primeira foi:

Quais as maiores dificuldades apresentadas aparentemente pelos alunos para compreender o conteúdo colocado pelo professor na sala de aula?

Respostas – Professora “A”: Apesar de dinamizar o conteúdo em sala de aula, creio que se tivesse mais interação por parte da família o conteúdo seria absorvido com mais rapidez. – Professora “B”: O mau comportamento, a falta de leitura e a falta de atenção são colocados como primazia pela a mesma. - Professora “C” e “D” respondeu: As maiores dificuldades apresentadas pelos alunos são na leitura e na escrita.

As maiores dificuldades estão na leitura e na escrita, assim se o aluno não souber ler, dificilmente interpretará com eficácia um texto, enquanto se não souber escrever, aprenderá com a leitura. Dessa forma, ambas tornam-se intrínseca no processo de ensino-aprendizagem. A isso ressaltamos quando: “Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente.” (CAGLIARI, 1995. p. 167).

Nesse contexto acreditamos que é papel da escola é formar leitores críticos, que possam atribuir significado após deleita-se numa leitura, e concomitantemente em sintonia com a escrita possam construir um cabedal de conhecimentos que subsidie sua vida enquanto cidadão no gozo de seus direitos.

Colocamos a segunda pergunta: Como são desenvolvidas suas aulas? Respostas Professora “A”: Minhas aulas são alegres, dinâmicas, com limites e regras; o bem estar do aluno vem em primeiro lugar. Professora “B”: Desenvolvo minhas aulas de acordo com a necessidade dos alunos, com leituras operações e questionamentos. Professora “C”: As aulas são desenvolvidas antecipadamente em um plano organizado de conteúdo e ações para alcançar determinados objetivos que fazem parte de uma prática pedagógica para uma determinada realidade do aluno. Professora “D”: Desenvolvo minhas aulas na medida em que a criança avança na escolarização, nas exposições orais, principalmente na apresentação de trabalhos.

Em meio ao questionamento, vimos que os professores não trabalham com a realidade dos alunos, daí os alunos não se sentem atraídos por aquele momento de estudo. Assim, o professor deve incorporar a realidade existencial dos educandos como ponto de partida para o desenvolvimento da prática educativa. E é nesse sentido que FREIRE, (1983. p.22) coloca: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela.”

Continuamos e fizemos a terceira pergunta: Quais os recursos utilizados para diversificar suas aulas no intuito de deixá-las mais atrativas para os alunos? Respostas: Professora “A”: Utilizo papel estêncio, vídeo, material dourado e alfabeto móvel. Professora “B”: Utilizo livros didáticos e cartazes. Professora “C”: Utilizo textos informativos, reflexivos, paródias, poemas, músicas, histórias em quadrinhos, livros para-didáticos e jogos infantis. Professora “D”: Utilizo oficinas de criação de textos, enciclopédias, atlas, jornais, revistas e rótulos.

É notório que os recursos utilizados pelas professoras são interessantes e por sua imprescindibilidade não podem ser considerados uma utopia. É nesta linha de pensamento que o educador deve: “[...] preparar um meio vivo, eficaz, como um sábio que prepara o seu laboratório a solução que permite a um organismo viver e se desenvolver [...]”. (RAMIREZ, 1975, p. 29).

Proseguimos e fizemos à quarta pergunta: Como é seu planejamento (diário, semanal, mensal) individual ou coletivo? Respostas: Professora “A”: Meu planejamento é semanal e o desenvolvo com apoio da coordenadora pedagógica. Professora “B”: Meu planejamento é semanal e individual. Professora “C”: Meu planejamento é diário, bimestral e coletivo, já que o processo de ensino-aprendizagem exige do professor uma preparação especial. Essa preparação consiste no planejamento das atividades, das idéias e decisões que adentram aos interesses dos alunos. Professora “D”: O planejamento é semanal, de forma clara de acordo com a realidade do aluno, com os seus avanços e dificuldades.

De acordo com as colocações das professoras percebemos que cada uma dessas possui uma maneira distinta de realizar o planejamento. A isso citamos: “[...] planejar é agir racionalmente, é dar clareza e precisão à própria ação educativa [...] a reduzir um conjunto orgânico de ações propostas para aproximar a realidade a um ideal”. (GANDIN, 1994. P. 14).

Seguindo, questionamos: A seu ver, porque seus alunos repetem o ano? Respostas: Professora “A”: Na minha sala o índice de repetência é muito baixo, acontece por falhas do professor, da família e do aluno. Professora “B”: Acontece pela falta de interesse, a ausência dos pais na escola e a falta de participação do professor. Professora “C”: O estigma do fracasso escolar não é resultado exclusivo da carência cultural da criança pobre que muitos apontam. Inúmeros fatores contribuem ou são consideráveis: estrutura familiar, meio social, condição de vida, o

trabalho, os regulamentos escolares, despesas financeiras, a pobreza e a organização interna da escola. Isso faz com que se torne uma dificuldade, por não ter consciência da sua própria entidade. Professora “D”: Para facilitar ainda mais a aprendizagem os alunos atuam como monitores dos conteúdos estudados, e isso estimulam a frequência desses.

A última professora não respondeu a questão proposta, porém, as demais colocaram a displicência pelos alunos repetirem, num conjunto de fatores como: professor, escola, família, aluno entre outros. Pensando assim, destacamos: “[...] não existe um ou dois culpados, porém existem vários fatores a serem analisados como: escola, professores, alunos, o nível sócio-econômico [...]” (CORDEIRO, 2007. p. 93).

Pensando de acordo com o autor, vemos o quanto é complexa a discussão a respeito dos fatores que compactuam para que os alunos repitam o ano, por isso, é necessário que sejamos flexíveis ao omitirmos juízos a respeito, para não comprometermos ou responsabilizarmos um único fator ou instituição.

Demos seqüência ao questionamento e fizemos a última pergunta: Diante sua competência e experiência em sala de aula, quais as causas que levam o alunado há repetir o ano? E como você, enquanto profissional da educação pode fazer para reverter esse quadro? Respostas: Professora “A”: Infelizmente a repetência esta no quadro de várias escolas, cabe a nos profissionais planejar e debater o tema em questão para revertermos esse quadro na educação brasileira.

A Professora “A”: coloca o planejamento como questão chave para reverter o quadro da evasão e repetência. O planejamento é indispensável para o perfeito caminhar da ação educativa e para explicitar objetivos desejáveis.

A Professora “B”: Procuro conscientizar os pais porque eles são responsáveis diretos pelo sucesso do filho na escola. Diante da colocação da professora, vimos que essa responsabiliza explicitamente os pais pelo êxito dos filhos (alunos).

A Professora “C”: Para reverter esse quadro bastante desagradável um dos caminhos seguido é o reforço em leitura e escrita, buscando suprir essa dificuldade com atividades diversificada como: projetos, textos poéticos, fichas literárias, desenhos, pinturas, onde a criatividade, as

habilidades dos alunos oram trabalhadas seja de forma prazerosa e venha trazer subsídio e alternativa do problema.

A referida professora dá ênfase à leitura e a escrita como eixos a serem trabalhados para diminuir a evasão e a repetência. Assim:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante o aluno saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve está voltado para a leitura [...]. (CAGLIARI, 1995. p. 148).

A leitura nos faz percorrer o mundo sem saírmos do lugar, e como vimos à escola tem que desenvolvê-la para que a criança possa adquirir informações e/ou conhecimentos de interiorização, de reflexão e conseqüentemente serem capaz de atribuir-lhe significado.

A Professora “D”: Essas turmas não devem ser um depósito de crianças e jovens que deram conta de acompanhar o ritmo da classe. O melhor, no entanto, é adotar estratégias que evitem a necessidade dessas repetências nessas escolas.

### **3.5 Análise dos Questionários aplicados aos Alunos**

Os seguintes dados foram obtidos através de observação e um questionário aplicado com doze (12) alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com idade entre nove (09) e quatorze (14) anos da escola mencionada inicialmente.

Iniciamos o questionário e fizemos a primeira pergunta: Quando você não entende o conteúdo que o professor explica você costuma perguntá-lo e pedir outra explicação? Resposta: - Todos os alunos responderam que sim, quando não entendem pergunta a professora. No entanto, ela colocou que a maioria dos alunos permanece em silêncio quando essa faz uma indagação do tipo: entenderam? Ou não entenderam?.

Segunda questão: Você faz suas lições ao chegar em casa? Resposta: - Mais da metade da turma responderam que faz as lições de casa no reforço, e o restante disseram que as fazem em casa.

Prosseguimos e colocamos mais uma questão: Seus pais ajudam a você responder as atividades pedidas pelo professor? Respostas: - Cinco (05) dos alunos colocaram que mesmo no reforço, os pais os ajudam nas atividades; três (03) alunos colocaram que fazem as atividades sozinhos e quatro (04) colocaram que os pais não os ajudam, porque eles já as fazem no reforço.

Quando falamos em educação sabemos que os pais são os principais envolvidos, até porque esses constituem uma base relevante na vida dos filhos, uma vez que fazem parte de uma das instituições que estão diretamente relacionadas à criança (aluno), mas também sabemos que essa não está sozinha nessa responsabilidade. Dessa forma:

“[...] os pais devem se fazer presentes na escola e ajudar os filhos instigando-o, encorajando-o, ajudando nas atividades, acompanhando, valorizando e elogiando os esforços empregados e os progressos conseguidos [...]”. (MATADO, 2008).

Quarta questão: Como você gostaria que o professor desenvolvesse as aulas na sala de aula? Resposta: - Todos os alunos colocaram que gostariam que as aulas fossem desenvolvidas com músicas, brincadeiras, jogos e teatro.

Considerando a relevância do teatro na sala de aula especificamente nos anos iniciais colocamos que: “O teatro [...] proporciona experiências, que contribuem para o crescimento integrado da criança sob vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas”. (PCNs, 2001.p.84).

A escola deve promover acesso ao teatro (abrangendo músicas, danças ou qualquer manifestação cultural) não como algo que é valorizado apenas em datas comemorativas, mas, desenvolvê-lo diariamente com os alunos para que esses possam desenvolver sua criatividade, e descobrir suas habilidades.

Continuamos e fizemos à última questão: Você já foi reprovado alguma vez? Respostas: A metade dos alunos respondeu que nunca foram reprovados, porém, o restante colocou que já foram reprovados, sendo que cinco (05) desses alunos apenas uma vez e um (01) colocou que foi reprovado três vezes.

Ao responder a última questão, especificamente os alunos que já tinham sido reprovados colocaram que foi a displicência por não estudar, com conversas paralelas, não estudavam para as provas, ficavam desatentos às explicações do professor, e o que me chamou atenção foi que o aluno reprovado três (03) vezes faltava às aulas propositalmente.

O que será que decorre para que um aluno repita três (03) vezes o mesmo ano? Como já colocamos anteriormente vários fatores podem ser consideráveis ao processo de evasão e repetência escolar, e é preciso analisar os vários que vai das condições sócio-econômicas ao próprio aluno.

### **3.6 Análise do Estágio**

Durante o período do estágio que ocorrera entre 06/10/2008 a 31/10/2008 na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, localizada no Núcleo Habitacional III, numa turma de dose (12) alunos do 5º Fundamental, tentamos desvendar as causas que contribuem para não aprendizagem dos alunos, o que conseqüentemente resulta no processo de evasão e repetência escolar.

Pretendeu-se com esse trabalho analisar quais os motivos decorrentes pelo fracasso escolar. A priori, observamos e identificamos como eram desenvolvidas as práticas metodológicas docente, ao mesmo tempo em que tentavá-mos inová-las em busca de conhecer e compreender os entraves que se tornavam significativos, uma vez que o processo de aprendizagem não se desenvolvia com êxito.

Todavia, buscamos também contextualizar os conhecimentos que trabalhavá-mos no dia-dia da sala de aula, com o cotidiano dos alunos, o que nos surpreendeu demasiadamente ao vermos que esses interagiram conosco no intuito de deixar a aula mais proveitosa.

No decorrer do estágio procuramos trabalhar com atividades práticas, com dinâmicas, com jogos coletivos e individuais, músicas, origame, dominó matemático etc, tentando relaciona-los aos conteúdos trabalhados, a exemplo quando trabalhamos o conteúdo “A importância da água”, com a música “Planeta água” de Guilherme Arantes. Com isso,

focávamos sempre a construção do conhecimento de forma contextualizada e significativa.

A escola citada inicialmente desenvolve sua prática pedagógica baseada no tradicionalismo, no qual, o professor é o centro da aprendizagem dotado de conhecimentos dogmáticos e incontestáveis. As aulas por sua vez, são expositivas, deixando o aluno como ser passivo utilizando-o como mero depósito/receptor de informações.

Em relação à formação docente, constatamos que a metodologia tornava-se ultrapassada porque não relacionava teoria e prática. Acreditamos que o professor por não ter objetivos claros para cada conteúdo, adota/utilizam atividades sem contexto em sua prática docente.

A princípio, observamos que a desconsideração pelo conhecimento prévio dos alunos tornou-se fator significativo para elegermos como um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar, uma vez que o professor não desenvolve sua prática pedagógica tendo como ponto de partida esses conhecimentos.

Por outro lado, tivemos a oportunidade de desenvolver as aulas tendo os conhecimentos prévios dos alunos como “carro chefe”, ou seja, foi partindo desses conhecimentos que oportunizamos o diálogo (diálogo apresentado como troca de informações e/ou conhecimentos). Adotamos essa metodologia e notamos que mesmo antes do professor abordar determinado conteúdo o aluno por sua vez, colocava os conhecimentos que trazia consigo, conhecimentos esses adquiridos em seu meio social, e o professor não pode ignorá-lo ou omitir-se diante dessa possibilidade de construção de conhecimentos.

A reação dos alunos em relação à professora, a metodologia inovadora, a maneira como estava sendo trabalhada os conteúdos a princípio nos assustou, isso porque fomos rejeitadas. Isso ocorreu porque os alunos estavam adaptados a simples procedimentos de aquisição de conhecimentos, e quando sugerimos e trabalhamos baseada numa pedagogia libertadora, no qual, os alunos passavam a ser construtores do conhecimento eles se intimidaram, e a única opção viável naquele momento era rejeitar tudo o que estava sendo exposto.

Aos poucos fomos trabalhando os conteúdos em consonância a maneira que eles estavam adaptados, e foi assim que conseguimos paulatinamente por em prática nossos planos de atividades. A partir dessa prática, os alunos começaram a ver que as dinâmicas, as músicas, os jogos contribuíam demasiadamente para construir conhecimentos, já que eram vistos unicamente como entretenimento.

Em linhas gerais, o estágio nos possibilitou mesmo que em curto período o contato direto com o contexto escolar, e esse contribuiu significativamente para a conclusão desse trabalho, como também para nosso processo de formação docente, uma vez em que nos oportunizou vivenciar mesmo que superficialmente a realidade educacional.

Dessa forma, esse nos motivou há buscarmos a cada dia um pouco de conhecimentos para subsidiar nosso futuro fazer pedagógico (já que ainda não lecionamos), no intuito de desenvolvê-lo com responsabilidade, contribuindo pra que o processo de aprendizagem realmente flua com êxito, além de buscarmos uma sociedade mais justa, menos excludente, no qual, as pessoas possam efetivamente exercer seu papel de cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com muito prazer e alegria que finalizamos esse trabalho, nos emocionamos ao ver este sonho concretizado, ao mesmo tempo em que louvamos a Deus por nos fazer capazes de desenvolver um trabalho tão árduo e complexo como este que vos apresentamos, e mais, ao ver que vencemos uma etapa de nossas vidas.

Diante desse sonho alcançado ressaltamos as dificuldades que encontramos nesse percurso, dificuldades que servirão para fortalecer o desejo de desenvolver um trabalho dessa temática. Lembramos que ao iniciá-lo queriá-mos trabalhar especificamente com o aluno e o professor como se esses fossem os únicos responsáveis pelo fracasso escolar.

Hoje, percebemos que tínhamos conhecimentos limitados e insuficientes para compreendermos os fatores decorrentes pela não aprendizagem dos discentes, e concluímos que jamais conseguíamos desenvolver um trabalho significativo se não tivéssemos nos conscientizado de início e buscado aparato teórico para fundamentá-lo.

Cabe-nos ressaltar que a experiência adquirida durante a construção desse trabalho como também do estágio, foi para nos um momento ímpar, que veio contribuir significativamente para nossa formação acadêmica, uma vez em que nos oportunizou relacionar teoria e prática considerando os conhecimentos que construímos sendo estudante do curso de Pedagogia, no qual, tentamos desenvolver uma prática pedagógica condizentes com os teóricos que nos fundamentou.

Diante do exposto, almejamos que tal trabalho venha contribuir para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. Esse possibilita leitura ampla a respeito dos fatores que compactuam para o fracasso escolar, além de nos fazer acreditar nos possíveis elementos que tornam-se relevantes quando não se tem objetivos definidos, planejamento coletivo para o desenvolver pedagógico docente.

Dessa forma, desejamos que esse trabalho venha aclarar questões pertinentes ao processo de evasão e repetência escolar, bem como as questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem no âmbito educacional.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; MOLLI, Jaqueline. Para além do fracasso escolar. São Paulo: Papyrus. 1997.

AQUINO, Júlio Groppa. Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1997.

----- Autonomia na Escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1999.

BRANDÃO, Carlos. O que é Educação. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. 1985

BRANDÃO, Zaia. O estado da arte da pesquisa sobre evasão no ensino de 1º grau no Brasil. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V. 64, nº 147, maio/agosto 1983, p. 38-69.

BRASIL, Secretária da Educação Fundamental: Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte, Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARRAHER, Terezinha; SCHLIEMANN, Ana Lucia; CARRAHER, Darud. Na vida dez, na escola zero. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CORDEIRO, Jaime. Os alunos: Agentes e pacientes. In: Didática. São Paulo: Contexto, 2007. p. 92-93.

FERNÁNDEZ, Alicia. O Saber em Jogo. Porto Alegre: Artmed. 2001.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Alfabetização de Jovens e Adultos: Pontos Críticos e desafios. Porto Alegre: mediações, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Escolar. Século XXI. O mini dicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Revista e Ampliada para o FNDE/PNLD 2001, com tiragem de 11-848.961 exemplares.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GANDIN, Danilo. *A Prática do Planejamento Participativo*: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GENTILE, Paola. *Combate a Reprovação* – Repetência a grande culpada. <http://www.cgi.bin/getmsn>. Acesso em 02 de fevereiro de 2007.

GOMES, Fafael. *Evitar evasão escolar e repetência são prioridades, dizem candidatos*. >><http://www1folha.uol.com.br>. Acesso em 03 de Agosto de 2007.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. *Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HAERTER, Leandro. *O desafio é educar para inclusão*. Revista Mundo jovem. Agosto de 2004.

HARA, R. *Alfabetização de Adultos*: ainda um desafio. 3ª ed. São Paulo: CEDI, 1992.

MARTINELLI, Selma Cássia. Os afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, Firmino Fernandes. *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico*. Petrópolis, RJ: 2001. p. 21-99.

MATADO, Ana. *A Importância dos Pais no acompanhamento das atividades escolares e desportivos dos filhos*. <http://www.google.com.br>. Acesso em 02 de julho de 2008.

MELLO, G. N de. *Cidadania e Competitividade*: Desafios educacionais do terceiro milênio. 4ª ed. São Paulo. Cortez, 1995.

MEIRA, Michelle Castro. *Fracasso Escolar*: De quem é a culpa? <http://www.sehole@funed.edu.br>. Acesso em 18 de fevereiro de 2008.

NERICI, Emídio Giuseppe. *Educação e metodologia*. Rio de Janeiro: Fundo e Cultura, 1973.

PAÍN, Sara. *Fala Mestre!* In: Nova Escola. A revista. Ed. Nº 137. Novembro de 2000, p. 21-32.

PAMPLONA, Kelma. *Conceito de Educação*. >><http://www.google.com.br>. Acesso em 05 de Julho de 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

QUEIROZ, Lucicleide Domingos. Um estado sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. <http://www.google.com.br>. Acesso em 30 de junho de 2008.

RAMÍREZ, G. MARIA Del Sagrario. Métodos de Educação de Adultos. Tradução: Valeriano de Oliveira e Luis João Gaio. São Paulo: Loyola, 1975.

RAMOS, Arthur. Fala Mestre! In: Nova Escola. A revista ed. Nº. 137. Novembro de 2000, p. 21-22.

RESENDE, Valéria Barbosa de. Fracasso e Sucesso Escolar: Os dois lados da moeda. In: Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 99-112.

ROMÃO, José Eustáquio. Alfabetizar para libertar. In: GADOTTI, Moacir, TORRES, Carlos A. (orgs). Ed Popular: Utopia Latino-Americana. São Paulo: Cortez, 1995. (Instituto Paulo Freire).

ROSSINI, Sônia D. Rodrigues, SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Fracasso Escolar: Estudo Documental de Encaminhamentos. In: SISTO, Firmino Fernandes. Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 214-235.

# ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

**ANEXOS - QUESTIONÁRIO****NOME:****IDADE:****TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO:****FORMAÇÃO:****GESTOR**

1. Você é comunicado sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos para compreender o conteúdo colocado pelo professor?
2. Quais os projetos desenvolvidos pela escola para reverter o quadro de evasão e repetência nos anos iniciais?
3. Você é contra ou a favor da reprovação?
4. As dificuldades apresentadas pelos professores na sala de aula em relação ao processo de ensino-aprendizagem são colocadas no planejamento?

**ANEXOS - QUESTIONÁRIO****NOME:****IDADE:****TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO:****FORMAÇÃO:****PROFESSOR**

1. Quais as maiores dificuldades apresentadas aparentemente pelos alunos para compreender o conteúdo colocado na sala de aula?
2. Como são desenvolvidas suas aulas?
3. Quais os recursos utilizados para diversificar suas aulas, no intuito de deixá-la mais atrativa para os alunos?
4. Como é seu planejamento (diário, semanal, ou bimestral) individual ou coletivo?
5. A seu ver, porque seus alunos repetem de ano?
6. Diante sua competência e experiência em sala de aula, quais as causas que leva o alunado a repetir o ano? E como você, enquanto profissional da educação pode fazer para reverter esse quadro?

**ANEXOS - QUESTIONÁRIO****NOME:****IDADE:****SÉRIE:****ALUNO**

1. Quando você não entende o conteúdo que o professor explica, você costuma perguntá-lo e pedir outra explicação?
2. Você faz suas lições ao chegar em casa?
3. Seus pais ajudam você a responder as atividades pedidas pelo professor?
4. Como você gostaria que o professor desenvolvesse as aulas em sala de aula?
5. Você já foi reprovado alguma vez? Quantas vezes. Por quê?